

COMISSÃO PARA OS DIREITOS
DO POVO MAUBERE
Rua Pinheiro Chagas, 77 - 2.º Esq.
1000 LISBOA—PORTUGAL

TIMOR-LESTE: O GENOCIDIO CONTINUA

Compilação de alguns dos testemunhos mais recentes,
a propósito da 40ª sessão da Comissão das Nações
Unidas para os Direitos do Homem que se reunirá em
Genève, de 6 a 16 de Fevereiro de 1984.

25 de Janeiro de 1984



Dili, 7 de Janeiro de 1984

Queridos...

Mais uma vez vos envio esta escrita...

... estamos no Ano Novo, o Ano de desesperação pois os Bapas procuram de tal forma para acabar com todos os timorenses. Os dois irmãos Octávio Jordão e o Helder voltaram a ser novamente presos e até hoje ignora-se o seu paradeiro. A mãe dos dois faleceu no dia 4 do corrente mês. Além dos dois foram também presos o Chiquito Calçona, o Afonso marido da Margarida, etc. No interior, isto é em Viqueque, as raparigas com 14 anos de idade fazem como eles entendem. Os casais que eles desconfiam morrem abraçados na cova por tiroteios que fazem. Em Lospalos o mesmo. A mínima desconfiança apanham e logo liquidado.

Sobre as visitas de estrangeiros para Timor acontece que na saída de lá preparam os planos para informar aquilo que passa cá em Timor, mas eles chegando cá seguem a ordem dos Bapas, não sabem guiar-se por si próprios; mais outra recebem e são comprados e desta forma caem-se. Aquilo que é na realidade não esclarecem.

Mudamos de conversa...

Para hoje é tudo. Envio as bênçãos... a todos, beijos e abraços de todos nós.
E de mim vai abraços

De...

UMA DAS
ÚLTIMAS CARTAS

TIMOR-LESTE: O GENOCÍDIO CONTINUA...

"Quando ouvimos que o massacre de mil e seiscentos palestinos em 2 dos seus campos de concentração, em Beirute, teve uma imediata repercussão em todo o mundo, causando repulsa e indignação, olhamos tristemente para o nosso solo coberto agora de ossos de centenas de milhares de patriotas de Timor-Leste. O bloqueio que o bárbaro agressor nos impôs, impede que o mundo civilizado acompanhe devidamente as práticas bárbaras e assassinas (...)" (1)

Só este bloqueio pode explicar o silêncio sobre o genocídio de que o povo de Timor-Leste continua a ser vítima. O bloqueio é de tal modo eficaz que só no fim de Junho o mundo soube que tinha sido acordado um cessar-fogo, em Março, entre os militares indonésios e os resistentes da FRETILIN. O cessar-fogo era no entanto uma questão fundamental, já que vinha suspender uma guerra qualificada pelo Center of Defense Information (de Washington) como uma das maiores e mais mortíferas do mundo actual.

Mas a esperança suscitada pelo cessar-fogo foi breve. O governo indonésio não comunicou o facto ao Secretário-Geral das Nações Unidas, como era exigido no plano de paz apresentado pela FRETILIN e esforçou-se até por negar os acontecimentos logo que estes foram conhecidos. Em Agosto, apenas 8 dias depois do senador australiano Bill Morrison ter saudado a mudança de atitude da Indonésia que "utiliza agora meios pacíficos", esta lançava uma nova ofensiva militar. "Acabou-se a brincadeira", declarava o General Benny Murdani, que prometia: "Agora não daremos quartel... desta vez as forças armadas vão utilizar todos os meios à sua disposição para varrer os membros que restam da FRETILIN". A brincadeira do general tinha já custado a vida a mais de 200 000 timores!

Uma vez mais são as populações civis as primeiras vítimas da guerra: em represália pela morte de 15 soldados, no dia 8 de Agosto passado, os indonésios massacram 200 civis em Viqueque. Centenas de pessoas são presas para interrogatório (600 em Dili, 125 em Baucau, 34 em Viqueque, segundo a APF de Jacarta). Mons. Ximenes Belo chegou mesmo a receber uma advertência por escrito do "gabinete dos assuntos religiosos" por ter protestado contra estas prisões. A fome, que é uma constante da vida dos timores, por causa dos reagrupamentos de população e das restrições impostas à livre circulação das pessoas, está ainda agravada pelas operações militares nas quais os timores do sexo masculino, dos 12 aos 55 anos são obrigados a participar "sem armas".

(1) Mensagem de Xanana Gusmão, comandante-chefe da FRETILIN, para a Assembleia Geral da ONU, 1982.

Até mesmo a ajuda internacional que suavizava um pouco a situação das populações lhes é recusada: a Cruz Vermelha Internacional, impedida pelas autoridades indonésias de exercer livremente a sua acção, decidiu suspender as distribuições de víveres e retirar-se. Ao mesmo tempo os bancos indonésios recusaram-se a receber as quantias que os timores emigrados na Austrália enviavam às suas famílias, sob o pretexto de que o dinheiro servia para apoiar as actividades da FRETILIN.

Mas mesmo quando a Indonésia tente esconder a sua mão de ferro numa luva de veludo, é sempre pela força que obtém uma aparência de aceitação da sua política pelos timores. Quem poderá honestamente pensar que o Golkar, partido governamental indonésio, obteve 99,5% dos votos dos timores, ao mesmo tempo que o país continua fechado às visitas dos jornalistas e diplomatas estrangeiros independentes?

A substituição dos governadores militares indonésios por um civil originário de Timor, em 1982, não modificou nada. Mário Carrascalão é um boneco nas mãos dos indonésios que lhe dão (1982) ou retiram (Agosto de 1983) os poderes que eles querem e quando eles querem.

Mons. Martinho Lopes, Administrador Apostólico de Dili até Maio de 1983, declarava em Setembro em Paris: "Se a população tivesse querido ser integrada... ela teria a integração há muito tempo e não continuaria a lutar durante mais de 8 anos".

A própria Indonésia reconhece o facto sem poder no entanto confessá-lo. Numa série de documentos secretos pertencentes a um manual militar capturado pela FRETILIN e cuja autenticidade foi confirmada pela Amnistia Internacional afirma-se: "Os membros do GPK (1) vêm dos filhos da terra que trazem consigo as aspirações do povo"; e ainda: "a população tem mais confiança no GPK do que no exército indonésio"; os timores incorporados no exército "são membros do exército indonésio na fachada, mas na realidade são sempre simpatizantes do GPK."

O Instituto de Ajuda Legal, organismo indonésio de defesa dos Direitos do Homem, obrigado a manter uma atitude de grande prudência nestas questões, interveio no entanto por diversas vezes nos últimos tempos para exigir o respeito pelos direitos dos timores, e o seu presidente, o advogado Nasution, declarou em Julho, perante uma comissão parlamentar australiana, que a Indonésia não tinha nenhuma reivindicação histórica sobre o território de Timor-Leste e que "se houvesse um debate aberto na Indonésia sobre este problema, pelo menos os intelectuais rejeitariam a integração de Timor-Leste, que classificam como vergonhosa e triste".

(1) GPK, movimento para a desestabilização da segurança, nome dado pelos militares indonésios à FRETILIN.

No passado mês de Novembro, e pela primeira vez, a Conferência Episcopal indonésia reclamou também o respeito pelos direitos do Homem em Timor numa carta onde exprime a sua solidariedade para com os timores: "Estamos de todo o coração com todos vós, mas particularmente com aqueles que perderam os pais, os filhos, os seus parentes próximos, os seus amigos...".

Para lutar contra as aspirações de um povo que apesar do massacre de mais de um terço da sua população continua a recusar a anexação pela força, a Indonésia vê-se obrigada a utilizar meios cada vez mais violentos e a rejeitar os princípios mais sagrados dos Direitos do Homem, dos Direitos dos Povos e da Organização das Nações Unidas.

Algumas das recomendações do manual militar indonésio são disso uma prova evidente:

- "É preciso nomear um informador por cada 10 famílias".
- "É preciso fazer uma lista completa dos habitantes das aldeias, mencionando a ocupação de cada um".
- "É preciso organizar rondas para evitar as reuniões clandestinas".
- "É preciso proibir os habitantes de irem trabalhar sozinhos nos campos".
- "Cada habitante deve ter um salvo-conduto para poder sair da aldeia".
- "É preciso vigiar os funcionários que de vez em quando se exprimem de um maneira negativa".
- "É preciso evitar fazer fotografias que possam reflectir as torturas".

Mas para além destas recomendações, os testemunhos que nos chegam de Timor-Leste mostram como são maltratados os direitos mais elementares deste povo.

VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS - TESTEMUNHOS

Em 3 de Novembro de 1983, numa carta que escapou à censura um padre católico escreve:

'Este meio de comunicação não permite concretizações. Mas bastaria dizer tudo o que sabeis... pois aqui tudo continua a repetir-se com o mesmo fragor e amargura, e o cerco hermético cada vez mais apertado não deixa fazer ouvir as vozes da verdade, as descrições da realidade'.

Assim, e embora possam parecer desactualizados, os testemunhos que publicamos a seguir continuam infelizmente actuais. (ver também AFP - Jakarta /12/83).

A Fretilin conseguiu, aproveitando o cessar-fogo de 1983, mandar para o exterior documentação escrita, fotografias e cassetes. Alguns testemunhos deixam horrorizada qualquer pessoa: como a cena deste comandante indonésio do batalhão 745 que em 1979 comeu o coração dum membro da Fretilin (Miguel Monteiro) perante a população dos campos vizinhos da missão católica de Furloro, reunida para assistir a essa cena macabra.

Para não alongar excessivamente limitamo-nos a compilar testemunhos datados de 1982 ainda não divulgados e com origem no clero da Igreja católica de Timor-Leste e citamos breves excertos dos documentos secretos indonésios que dão outra luz sobre o problema.

Outros documentos irão em anexo.

Os testemunhos do clero, os da Fretilin e os documentos militares secretos apreendidos aos indonésios completam-se e confirmam-se uns aos outros.

Os documentos que citaremos com mais frequência são:

Doc. 1 - Informação sobre a situação socio-humana nas zonas de Ossu, Viqueque, Uato-Lari e Uato-Carabau. (Abril 82).

Documento elaborado por um padre católico (10 páginas)

Doc. 2 - Informação sobre a situação de algumas zonas de Timor-Leste, escrita por um padre católico. (5 páginas) Maio 82.

Doc. 3 - Carta de um padre católico. 27 de Dezembro de 82.

Doc. 4 - Manual militar indonésio capturado em Dezembro de 82 pela Fretilin e cuja autenticidade foi estabelecida pela Amnesty Internacional.

Em Anexo:

A - Testemunho de um superior religioso de Timor publicado no suplemento da revista de l'Asia Partnership for Human Development (Julho/Agosto 1983).

B - Testemunhos de timores exilados na Austrália publicados no boletim do Centro de Cultura e Informação HADOMI (Agosto 83).

C - Um anexo da intervenção dos países africanos de língua portuguesa na ONU sobre a situação socio-económica nas zonas de Timor-Leste ocupadas pela Indonésia. Documento elaborado pela Fretilin e publicado pelo Conselho de Segurança. (26/10/83)

D - Um documento da Fretilin sobre massacres em Timor-Leste (25/7 /83).

MASSACRES

'No dia 7 de Novembro de 1978, o Liurai Adelino de Carvalho entregou-se no posto de Uato Lari com todo o povo que se encontrava com ele. Logo que se entregaram, foram presos e encerrados na prisão durante três meses. Depois soltaram-nos em Janeiro de 1979. O leitor imagine o que lhes terá acontecido durante esses três meses na prisão.'

Em Fevereiro de 1979 deu-se um ataque da Fretilin sobre uma camioneta. Nesse assalto morreram 6 pessoas entre os quais um javanês. Este acontecimento tornou-se o motivo porque todos os que tinham sido libertos em Janeiro anterior, fossem de novo aprisionados em 9 de Abril do mesmo ano. E sem julgamento nem inquéritos todos eles foram eliminados em 15, 16 ou 17 de Abril, em Ulsu, Uatolari, Lia Sidi, Saqueto e Be-Aço. Alguns dos condenados escaparam de novo para o mato; entre eles estava o Liurai Adelino de Carvalho.

Os nomes dos massacrados:

(seguem 118 nomes, 116 homens e 2 mulheres, com o nome da aldeia de origem).

'Ao todo são 118 (cento e dezoito) pessoas. Estes são os nomes daqueles que foram massacrados. De muitos outros desaparecidos não há notícia.'

(Doc. 2)

'a maioria dos adultos e jovens instruídos foram exterminados; nesse número contam-se centenas e milhares de alunos das missões, seminaristas e ex-seminaristas, além dos alunos dos colégios das missões, curso liceal e técnico, e dos que tinham regressado das escolas de Portugal. Toda esta gente foi procurada a pente fino (e continua a ser procurada) para ser liquidada por qualquer pretexto: importa na verdade apresentar o actual povo de Timor-Leste como um povo pobre, ignorante, estúpido, analfabeto... por isso incapaz de independência.

(Doc. 3)

(ver também documento anexo B e D)

PRISÕES, TORTURAS e DENÚNCIAS

1982 - 'Na Sexta Feira Santa os javaneses prenderam em Viqueque alguns elementos da Frente que já se encontravam na vila desde há 2 ou 3 anos. Na terça feira anterior, dia 6 de Abril, tinham chegado a Viqueque o Lucas (Mestre Lucas de Atsabe) e o Filomeno Paixão, antigos comandantes da Frente, que agora fazem o serviço dos javaneses e são os que fazem o interrogatório aos presos. Na quarta feira dia 7 uma senhora funcionária da KUD (Cooperativa) foi brutalmente espancada em sua casa pelos javaneses. Na Sexta Feira Santa prenderam os homens e depois levaram (NN...). Os da Cooperativa foram acusados de estarem a manter contactos com os guerrilheiros do mato, enviando-lhes cigarros e outras coisas e que foram intermediários de cartas da Frente para os da vila.

Mas outras fontes dizem que as cartas foram aqui escritas e depois lançadas no mato; depois foram outra vez reenviadas à vila. (N...)

Esses presos depois de interrogatório e pancadaria no KASI I/INTEL em Viqueque, foram metidos no helicóptero. Como não havia lugar, alguns foram metidos na bagageira.

Em Uato-Lári em fins de Março e meados de Abril prenderam 36 pessoas; Uato-Carabau, 6, entre os quais um Zelador da Missão (N...). Deu-se então o seguinte caso: um guerrilheiro natural de Baguia preso pelos javaneses, foi levado a Uato-Carabau e começou a denunciar a população. Declarou que uma senhora chamada Isabel lhe fornecia comida para o mato. Os javaneses convocaram então todas as mulheres cujo nome era Isabel e colocaram-nas em fila. O preso apontaria qual delas era a traidora. Mas não descobriu essa Isabel. Mandaram vir então as mulheres de uma povoação, que não eram Isabelas, e o preso apontou para uma delas. Essa senhora foi imediatamente presa e levada não se sabe para onde.

...

Os javaneses executam ou mandam executar os presos de noite. São levados para o mato e lá os matam. Outro método é o do lançamento de helicópteros em voo.

...
Os javaneses estão concentrados nas vilas e nos grandes aldeamentos misturados com os civis, onde criam o terror para dominar a população concentrada à força. Uma famosa seção do KODIM, o KASI I/INTEL (polícia secreta/militar) é o terror da população. Aprisiona e tortura as vítimas que lhe caem nas mãos para extrair confissões forçadas, com pontas de cigarro ou choques eléctricos, dois dos muitos métodos usados. Na prisão obrigam os antigos presos a bater nos novos presos.

(Doc. 1)

Um dos documentos secretos do exército indonésio é intitulado: 'Como interrogar os presos'.

Embora pareça querer limitar as práticas de tortura ao recomendar que os tratamentos 'duros' ou 'brutais' só sejam utilizados nalguns casos, acaba por oficializar estes tratamentos visto que recomenda a sua prática 'só' se as pessoas 'são cabeçadas' ou se 'dão respostas pouco claras e imprecisas'.

'No caso em que os métodos duros seriam empregues, ninguém o deve saber para evitar a antipatia da população'. 'É preciso evitar tirar fotografias que possam reflectir as torturas'... 'Pelo contrário fotografar os prisioneiros quando comem, ou fotografar os que descem das montanhas e apertam as mãos aos que já desceram. Isto com a finalidade de as divulgar e baixar o moral dos que ainda estão nas montanhas'. 'É preciso dar aos presos a certeza de que serão tratados normalmente. Isto para combater os boatos que circulam na população de que o exército indonésio mata sempre os que se entregam'.

(Doc. 4)

VIOLENCIAS SEXUAIS

'Na maioria das vezes, as mulheres presas, são levadas aos postos e quartéis militares sem formulação clara do 'crime' cometido. Na maioria das vezes se prova que as prisões das mulheres são motivadas mais pela animalidade sexual e pela selvajaria dos javaneses e seus lacaios.

Na maioria das vezes, como se disse, é esta a razão porque aprisionam as mulheres, ou então ocasionam uma cor política ou militar ao 'problema'.

Zita Pires, Benvinda Belo e Maria foram algumas das vítimas das prisões de Uato Lari. Foram submetidas a longos interrogatórios completamente nuas; depois foram violadas e mortas. Isto em 1979. Há outras que saíram das cadeias já grávidas, fruto da violação e da animalidade dos javaneses. As presas são aproveitadas para satisfazer os seus instintos.

(Doc. 2)

1982

'Na Sexta Feira Santa à tarde, depois dos presos terem sido levados de Viqueque de helicóptero, um tenente-coronel javanês foi à casa de um dos presos, onde só estava a Senhora e os filhos (N...). Com palavras e gestos baixos e brutos, quis violar a senhora; propôs-lhe que à noite viria dormir com ela. Quis abraçá-la, etc., dizendo-lhe que esquecesse o seu marido, que começasse nova vida com ele porque o marido agora era preso e não se sabia quando voltaria. A senhora depois chorando refugiou-se nas vizinhas.

...

Depois de aprisionamentos, os javaneses convocam as esposas dos presos para cozinhar para eles uma noite qualquer; obrigam-nas a rir sempre, a se alegrarem e dançarem. As vítimas obedecem cegamente, para evitar mais represálias, rindo-se elas mesmas da comédia que são obrigadas a fazer. Sentem-se bonecas mas é o que têm de fazer, contra seus sentimentos de mulheres, de esposas e de mães.

(Doc. 1)

'Para receber um 'surat jalan' - salvo conduto - a gente do povo, sobretudo as raparigas têm muitas vezes de se submeter à falta de respeito à sua dignidade, desde palavras a gestos, e até a actos cfnicos e vis conseguidos à força de armas.

Na quarta feira, dia de 30 de Março, um grupo de pessoas de Venilale, veio para o bazar da Quinta Feira em Viqueque. Mas anoiteceu em Buanurak, e foram à casa de parentes para passar a noite. Apareceu depois o BABINSA e mais alguns HANSIP, entre os quais o comandante Jacob, perguntando pelos papéis que pelos vistos estavam em ordem. Depois de muito palavreado e sob vários pretextos e ameaças, obrigaram-nas a dormir com eles, violando-as sob a força das armas. Havia senhoras casadas e raparigas, até de 14 anos.

(Doc. 1)

INTERROGATÓRIOS E DENÚNCIAS

'Quando os javaneses prendem alguém, torturam-no até ao limite das forças físicas, depois obrigam-nos a acusar mais gente, inculcando e envolvendo outros inocentes, ou a confessar 'crimes' nunca imaginados sequer. As torturas usadas são a porrada, o uso dos cigarros para queimar, choques eléctricos durante o interrogatório enforcam por momentos a vítima; colocam o dedo do pé da vítima sob o pé da mesa e depois um grupo de javaneses salta para a mesa, arrancando as unhas; interrogatório com as pessoas desnudadas, queimando o corpo inteiro incluindo as zonas vitais, etc...'

(Doc. 1)

'Continuamente está alguém sendo acusado de algum 'crime'. A acusação poderá ser baseada em algum facto concreto. Acontece porém muitas vezes também, que nem por sombras há razão de queixa contra os presos. Entretanto, ainda sem clareza quanto à verdade ou falsidade da acusação, o preso já está sendo torturado por causa dos seus 'crimes'. Os interrogatórios são feitos entre choques de electricidade e queimaduras de cigarro, pancadaria violenta, que dão cabo da resistência física dos presos, que depois estão à disposição deles.

Lá não se busca a verdade. Os javaneses acreditam nos seus informadores cuja única preocupação é só arranjar mais vítimas para aumentar a quantia de arroz e açúcar que se recebe em casos destes.'

(Doc. 2)

'Alguns espões são funcionários e funcionários bem pagos por eles.

Outros são as mulheres de má vida ou as 'nonas' deles. Em Viqueque, o carrasco é Naim Bakri um tenente do exército javanês. Alguns espas põem as mulheres deles à disposição dos javaneses.'

(Doc. 1)

O documento secreto indonésio 'métodos de defesa civil para quebrar o GPK' diz:

É preciso saber 'quantas pessoas originárias de tal ou tal aldeia ainda estão nas montanhas e quais aldeias são conhecidas por ter simpatias para o GPK. Quais aldeias são suficientemente ricas para alimentar os elementos do GPK... Muitas aldeias são ainda muito frágeis e influenciadas pela propaganda do GPK'.

É preciso 'verificar no seio da população de cada aldeia os habitantes que ainda estão nas florestas e tomar nota do nome, idade, nível de educação, local onde reside a esposa, irmãos'. As pessoas vindas das montanhas devem ser isoladas do resto da população.

É preciso fazer um registo de todos os aldeãos, sobretudo dos que apoiaram a Fretilin no passado'.

É preciso vigiar os funcionários que, de vez em quando, exprimem-se de maneira negativa'.

É preciso procurar as pessoas que ainda têm relações com o GPK por métodos de vigilância diária'.

É preciso fazer uma lista completa dos habitantes das aldeias mencionando cada ocupação'.

E o documento 'Como proteger os habitantes das influências do GPK' recomenda:
 'É preciso fortalecer o controle das populações das aldeias'.
 'É preciso nomear um informador para 10 famílias'.
 'É preciso organizar rondas para evitar reuniões clandestinas'.

(Doc. 4)

FESTAS E TERROR

'As hortas ficaram abandonadas durante meses; ainda agora que não é a estação de mobilização, muitas hortas estão abandonadas, porque os homens estão na ronda, ou chamados para comícios de esclarecimento, com os quais pretendem distrair e alegrar o povo. Quando há festa é o povo que vai à busca de vinho para os 'grandes' beberem. Depois são obrigados ou levados a bailar noites inteiras para ficarem contentes. Só há 'tebe' e bailes sob licença e controle dos javaneses. Quando lhes apetece espetáculo, convocam o povo, as crianças das escolas para cantar e bailar, inventando pretextos de festa.

As crianças vão cantar e declamar poesias para glória à 'mãe indonésia, à querida pátria, ornada de muito lindas praias e coqueiros', enquanto a barriga continua a dar horas e os javaneses a rir às gargalhadas, baterem palmas e virarem-se para o povo e dizerem: 'Baguai Ayo, semua tepuk tangan'. (Muito bem! Vamos todos bater palmas.).

...

Em Uato-Lári, para celebrar o dia de Kartini, uma mulher javanesa que morreu no século passado - 21 de Abril - os javaneses mandaram organizar uma série de concursos. Todas as 'ibus' (senhoras) de alguma representação foram convocadas para Uato-Lári, em nome das mulheres todas que não vão porque não foram convocadas. Fizeram concurso de culinária, com menus determinados pelos javaneses. Depois os javaneses comeram de tudo o que as várias 'delegações' regionais cozinham e no fim determinaram as premiadas.

Houve um outro Concurso para Miss Uato-Lári: as raparigas foram obrigadas a desfilar diante deles; depois determinaram a estrela.

Isto tudo numa situação de guerra, de ameaças, aprisionamentos e morte. Apesar da fome, da ansiedade, da tristeza e da angústia em que as populações vivem, o povo é obrigado a seguir como autómatos as ordens mais estúpidas dos javaneses e seus lacaios para evitar mais dificuldades e represálias.

...

Na Sexta Feira Santa de 1983, dia 9 de Abril, em Viqueque foram aprisionados alguns homens, entre os quais um comandante Rai Lakan (N...). Na segunda feira depois da Páscoa, dia 12 de Abril, os javaneses organizaram um baile para o qual foram convocadas as esposas dos presos da Sexta Feira Santa. Foram para cozinhar. Depois houve também uma sessão de esclarecimento em que o KODIM disse, entre outras coisas, que os que tinham sido presos na Sexta Feira Santa eram traidores. Perguntou depois à multidão o que é que mereciam. Repetiu duas vezes a pergunta e só à terceira uma voz respondeu dizendo que mereciam castigo. Depois o povo todo gritou também que mereciam castigo.

...

Em meados de Abril todos ^{os} liurais e pessoas influentes nas populações de Lospalos, Baucau, Viqueque e Manatuto, foram convocados para Dili para uma 'penataran' - reciclagem. O Comando da Udayana depois editou um volume de cerca de 300 e tal páginas, onde vinham transcritos os discursos do comandante do KOREM, em indonésio e traduções para tétum, macassas, macassae de Ossu, Fataluco, galóli e naveti. Os liurais foram endoutriados para desacreditar o BISPO da DIOCESE e os PADRES. Entre outras coisas disse que o BISPO é mentiroso.

O comandante do KOREM depois distribuiu muitos terços pelos liurais para levar e distribuir. Levavam também a missão de nas suas localidades se aproximarem dos Padres, Catequistas e Zeladores e esclarecê-los sobre a situação e sobre as mentiras do BISPO.

(Doc. 1)

É clima de terror o que existe, e que eles querem impor para dominar e impedir a revolta do desespero do povo oprimido: as prisões nocturnas e o desaparecimento continuam sem em nada ter diminuído (que angústias estão a viver estes dias as famílias mesmo em Dili com a prisão e ignorância do paradeiro de seus familiares. Que massacres hediondos se estão a praticar desde Setembro para cá (sem alguma medida...): as zonas de Ainaro, Same, Alas tem tido centenas de pessoas que são presas, desaparecem, são massacradas, ou simplesmente esfaqueadas e atiradas a precipícios nas montanhas: povoações e escolas reduzidas a cinzas, com angústia dos missionários que as tinham levantado; mais centenas e centenas de pessoas que chegam ainda algemadas à ilha de Ataúro; as cenas macabras, especialidade javanesa em Timor: cortar cabeças, expô-las ao público, vir o comandante solenizar o acto e fotografar-se entre esses espólios; arrastar os cadáveres pelas ruas da povoação puxados por uma viatura, a seguir diante da população concentrada no 'mercado' queimá-lo; queimar simplesmente as pessoas vivas, isto aconteceu recentemente em Ainaro. Em Manatuto, dia 11 de Novembro passado, pelas 3 horas da tarde, os comandantes indonésios apresentam ao povo, funcionários, jovens, umas três ou quatro cabeças cortadas; um militar levanta uma dessas cabeças que parecia de uma rapariga, levanta-a pelas tranças; momentos depois um outro militar avança para essa cabeça, crava-lhe no cimo o punhal, gira com o punhal a abrir mais o buraco, retira a lâmina, agarra a cabeça cortada e sorve aquela mistura de sangue e miolos... É disto que se passa em Timor, é disto que faz o exército regular indonésio. O genocídio do Povo de Timor é 'el posible genocidio', é o genocídio em curso que o exército indonésio realizou já em grande parte e continua a executar.'

(Doc. 3)

PARTICIPAÇÃO FORÇADA NA GUERRA

Estive durante todo o mês de (...) de 1982 percorrendo as zonas de Ossú, Viqueque, Uato-Lári e Uato-Carabau.

Por todo o caminho, ao longo de todas as estradas, de 20 em 20 ou de 50 em 50 ou de 100 em 100 metros, existe um posto de guarda, só com elementos timores. O posto de ronda é uma cabana feita de folhas de tali ou capim, com um lanternim onde dormem. Ao lado da cabana uma lareira e uma panela. Mas não há ração distribuída. Têm de trazer comida de casa e alguns vão fazer a ronda em localidades bem distantes de suas casas e ficam de guarda durante uma semana revezando-se uns aos outros. Só regressam às aldeias quando chegam os que os substituem no posto de guarda. Todos os homens válidos do povo são obrigados a fazer a ronda, desde os quase crianças aos velhinhos, de cabelos todos brancos, fracos, corcundas e cansados. Fazem a ronda mas desarmados. De noite fazem fogueiras, pontos luminosos pelas estradas. De dia também são obrigados a permanecer nesses postos, muitos dormindo porque não têm nada a fazer.

Entretanto as hortas ficam abandonadas e a fome se vai alastrando. Nesses postos de guarda estão no máximo 4 pessoas além de falta de comida garantida estão expostos às intempéries do tempo, à chuva e ao frio. Muitos não têm roupa, andam só de langotim. Além disso estão sujeitos ao isolamento forçado. São obrigados a fazer a ronda nos postos mais isolados e afastados.

...

Os javaneses têm medo de se deslocarem sózinhos para o mato. Organizaram o 'pertahan sipil-hansip' - defesa civil, e obrigam o alistamento pelas aldeias. São esses 'hansips' que depois vão pelos matos; são eles também que montam a guarda nos KORAMIL. Deste modo as suas hortas são abandonadas. Muitos andam descalços, de lipa ou de calção, carregando uma arma sem sequer reserva de munições como quem carrega um troço de madeira às costas. Quando saem para o mato levam 1 Kg de arroz para 15 dias e três latas de T2 que contém pacotinhos de açúcar, chá e um pedaço de chocolate e alguns rebuçados. Outras vezes só recebem latas de T2 que contém arroz já cozinhado, com muitas cascas ainda.

Além destes existe a companhia RAI LAKAN, composta por antigos combatentes da Frente; são cerca de cento e tal; são obrigados ainda a ir combater pelos matos. Mas também são desconfiados. Em Viqueque já muitos foram desarmados. Em fins de Março foram desarmados cerca de 40 elementos; o último caso de desarmamento foi na quarta feira depois da Páscoa de 1982, em que os comandantes de pelotão de uma companhia cujo comandante fora preso na Sexta Feira Santa (N...), foram enviados para Dili, desarmados, sob o pretexto de irem para um 'penataran'. Mas já foram todos para a ilha de Ataúro.

Existe mais um 'kompi bantuan' - companhia auxiliar - RATI - composta por timores e comandada por um liurai, José de Wessoru, ultimamente denominado Kapuas, nome atribuído à zona por um batalhão de Kalimantan, que é também membro da DPR de Viqueque.

Todo este pessoal passa a vida com as armas na mão. Todo patrulhamento está a cargo de timores entre os quais está sempre algum javanês. Entre Ossú e Viqueque encontram-se elementos armados nos postos de ronda. Mas nas outras zonas só se vêem civis desarmados.

...

Visto a resistência continuar intensa em várias localidades com o apoio moral e em alguns casos físico/logístico, os javaneses envolveram todo o povo civil na luta. 'GERAKAN' é a designação da mobilização geral de todos os timores do sexo masculino, dos 12 aos 55 e mais, para irem pelas montanhas e pelo mato fora à busca de guerrilheiros da FRENTE. Vão desarmados, sem abastecimento de comida, armados apenas com bambus e paus para apanhar os guerrilheiros. A concentração geral foi para o cerco ao MATEBIAN. Milhares de timores foram obrigados a tomar parte nesta comédia. O cerco fez-se como quando as crianças brincam juntas: dão-se as mãos, depois vão avançando e apertando o cerco, com o fim de não deixar escapar ninguém.

Pelo mato fora nunca encontraram forças da FRENTE. Encontraram civis que eram logo mortos, tanto homens como mulheres e crianças sem distinção. As vítimas eram mortas pelos HANSIPS, à paulada na nuca ou às facadas.'

(Doc. 1)

'Estão agora a mobilizar, na zona leste, forçadamente, todos os rapazes; uns 200 ou mais por aldeia, para os levarem com as companhias indonésias que chegam continuamente, e seguem para as zonas de combates. Muitos desses rapazes estão a ser os alvos para os soldados indonésios.'

(Doc. 3)

'Um dos documentos secretos indonésios intitulado 'Como organizar a defesa civil' é inteiramente consagrado a este ponto (12 páginas) e indica como enrolar velhos e crianças nas tarefas de defesa civil. Outro sob o título 'Como desenvolver as organizações para-militares' ensina a ser vigilante para evitar infiltrações da Fretilin.'

(Doc. 4)

ALDEAMENTOS CONTROLADOS

O reagrupamento forçado das populações, além da violência que constitui por si só tem outras consequências nefastas, a primeira sendo a fome.

'Uma das razões da fome é a concentração forçada' (Doc. 1)

'... sistema habitacional do modelo do campo de concentração' (Doc. 2)

'Se é um povo com fome é porque é forçado a estar encerrado em povoações artificiais à margem da estrada, longe das suas hortas, agriculturas e plantações'. (Doc. 3)

'Para outros os campos ficaram muito distantes porque foram transferidos para a cidade principal... Outras aldeias foram transferidas e os seus habitantes reunidos à volta da cidade de Baucau'. (Documento Anexo - A)

'Cada habitante deve ter uma autorização de viagem para sair da aldeia' (Doc. 4)

FOME

'Sob o pretexto de participação no esforço de solucionar o problema de Timor e viver em paz, os javaneses obrigam todo o povo a participar em operações militares, e para toda a espécie de actividade que de propósito criam para distrair o povo e 'alegrar' o povo.

E assim tiram o tempo que é necessário ao povo para trabalhar as suas hortas, provocando a fome que está continuamente torturando o povo, além das torturas dos javaneses. O povo não pode sequer sair da zona do posto ou aldeia ou da vila, num diâmetro de algumas centenas de metros; até a rota ou os rumos do povo estão controlados: eles não podem circular

por atalhos, só podem ir pelas estradas; o povo nunca pode dormir uma noite sequer fora da vila, por exemplo nas suas hortas; os homens todos andam na ronda; a mobilização geral para Aitana, de Julho a Setembro de 1981, só veio piorar mais ainda as condições de vida do povo.

Resultando disto tudo: em Uato Lári as mulheres é que tiveram de ir colher o nele; em Viqueque há falta de milho e de arroz; a reserva de comida do povo para o tempo de chuvas de 1981/1982 pode-se dizer nula; em 1982/1983 a situação será muito pior. As várzeas de Uato Lári ainda proporcionam alimentação (Uato Carabau também) para as outras zonas. A produção de milho é quase nula. Se houver mais alguma mobilização, a situação será desesperada.

Em Ossu e Viqueque, o povo se vai aguentando com o nele a comida originária de Uato Lári. Mas como o KOREM de DILI também compra na mesma fonte, e a força económica do povo está quase nula, o povo não poderá comprar mais mantimentos; isto será agravado quando os preços subirem porque há falta.

Até este momento o povo se tem aguentado com raízes, sobretudo com a mandioca.'

(Doc. 2)

'No dia 30/3/82 em Vemassee, vimos uma longa fila de gente na estrada, homens, mulheres e crianças, novos e velhos puxando atrás de si cilindros de troncos de tali para fazer sagu. A fome se vai alastrando e apertando a vida às populações. Em Baguia a situação é de fome e miséria extremas. Não há nada a esperar das hortas e das várzeas e vão até Uato-Lári e Bé-Aço comprar mantimentos. Uma das razões da fome é a concentração forçada do povo nas vilas.'

(Doc. 1)

'É preciso proibir aos habitantes de irem trabalhar sós nos campos'. (Doc. 4)
(ler também os Documentos Anexos A e C)

DESENVOLVIMENTO

'Este povo está reduzido a um estado de expoliação e miséria que ele desconhecia na sua história. O exército indonésio agressor, sobretudo nos três primeiros anos, expoliou as riquezas e valores que esta gente acumulara, mesmo em prata e ouro, em notável quantidade; reduziu a cinzas casas, povoações inteiras que já não existem, plantações preciosas de café; apropriando-se dos melhores lucros do café que ainda resta; ilusórios projectos de agricultura dos invasores apenas encobrem o abandono geral das agriculturas do Povo Timorense e canalizampara as mãos dos oficiais indonésios os milhares de dólares que o C.R.S. dos bispos americanos atribui a Timor... pensando no Povo; este nem vê nem sabe o que se faz com ele.

Por isso ao dizer-se que o Povo de Timor 'é um Povo pobre', seria preciso de absoluta justiça, completar: 'O Povo de Timor está pobre, após a expoliação e o permanente saque a que é submetido pelo exército indonésio'. Dizer só: 'O Povo de Timor é um Povo pobre' vai dar a contribuição sempre desejada e procurada de encobrir os crimes que o dito exército executa, apontando que este tem feito e dado ao povo progressos evidentes. Quem lucra com o que aqui se faz, são os indonésios.

Se o Povo de Timor-Leste é (?) um povo pobre, porque o estão saqueando desde há sete anos (e arrecadando para as mãos dos indonésios as grandes somas enviadas do estrangeiro); Se é um Povo com fome e é, porque é forçado a estar encerrado em povoações artificiais à margem da estrada, longe das suas hortas e agriculturas e plantações? Se é um Povo ignorante, analfabeto... porque assassinaram em massa os instruídos, massacraram prioritariamente os estudantes com o pretendido pretexto de serem... comunistas. Se o Povo é pobre e doente... porque estão os hospitais no maior abandono e inundice, sem assistência médica, de enfermeiros, e comida miserável?'

(Doc. 3)

ELEIÇÕES E AUTODETERMINAÇÃO

'O povo de Timor-Leste exerceu o seu direito a dispôr de si próprio e escolheu a integração na República Indonésia em 17 de Julho de 1976'.

(Nota indonésia para a Comissão dos Direitos Humanos da ONU - 3 Fevereiro 1983)

Em 17 de Julho de 1976 o Parlamento indonésio em Jakarta votou a 'Lei da integração', esta integração tinha sido pedida por uma 'Assembleia Popular representativa', de 28 membros, 28 timores escolhidos pelos indonésios menos de 6 meses depois da invasão.

'Ele (o povo de Timor-Leste) exerceu mesmo os seus direitos políticos quando da eleição geral de 4 de Maio de 82'.

(mesma nota indonésia)

O resultado destas eleições: 99,5% dos votos a favor do partido no governo em Jakarta é por si só eloquente, mas vemos um testemunho:

'Desde o ano passado os javaneses obrigaram o povo todo a alistar-se para as 'eleições'. Este ano de 1982. Desde princípios de Março deste ano começaram a fazer casinhas rodeadas de paliçadas, tipo curral, cujo local serve em vários sítios para as sessões de esclarecimento e para as 'eleições'. Por todas as povoações, aldeamentos, postos e concelhos, se vêm essas casinhas do mesmo tipo, todas em algum campo aberto. Os partidos pelos quais se vai votar são os três partidos indonésios. Os funcionários são todos obrigados a votar pelo GOLKAR. O povo todo é obrigado a comparecer para os comícios. Nesses comícios treinam o povo a votar e a 'votar' só no GOLKAR, no embondeiro da caixa nº 2 (há três caixas), do partido do governo, apelando para a unidade que é só fachada para terem o povo nas garras.

Até crianças de 14 anos vão 'votar'. Cegos e doentes são todos obrigados a comparecer. Em Ossú durante um desses treinos, levaram um velho cego apoiado à sua bengala à caixa nº2 e ajudaram-no a 'votar'.

Para os comités responsáveis pelas 'eleições' obrigam elementos de influência aos olhos da população a participar, incluindo antigos elementos da Frente, antigos prisioneiros que apanharam porrada violenta, choques eléctricos, etc. Eles são obrigados a falar contra as suas consciências, as suas convicções, obrigados a mentir à luz do meio dia.

Nas listas de eleitores inventam nomes para aumentar o número. Em Bé-Aço inventaram cerca de uma centena de Marias que depois nas chamadas nunca compareceram. Afinal todo o povo estava lá sob a mira das espingardas. Para as várias localidades onde se vão desenrolar as 'eleições', destacam a tropa que vai controlar a zona e as 'eleições'. Afinal Timor-Leste não tem nada a ver com esses partidos indonesianos. Timor-Leste tem de se decidir: é sobre o seu destino, pela independência ou por outra solução. Nos comícios proclamam que todo o povo é livre para 'escolher', 'votar' por quem quiser, mas é obrigatório e é melhor votar pelo do centro, o partido do governo indonesiano. Nesse dia 27 à noite houve um baile do GOLKAR no mercado da vila. Muitos bailaram só para evitar desconfianças dos militares e dos 'apóstolos' do GOLKAR.

No dia 25 de Abril em Viqueque, todo o povo teve de ir cada qual para seu lugar de 'votação' para ouvir a leitura dos seus nomes alistados anteriormente e depois receber 'surat panggilan' - cartão de chamada - para votarem no dia 4 de Maio. Mandaram cobrar 200 rupias por cada votante para despesas e gastos de comida e bebida dos funcionários das 'eleições'.

Depois de muito treino, no dia 4 de Maio, o povo foi à caixa do centro'. Já antes as tropas passaram revista às casas perguntando pelo número de moradores e visitantes. No local das 'eleições' está a tenda com duas portas para dois quartos. Em cada quarto estão três caixas. As caixas do 1º quarto são amarelas. As do 2º são brancas. As cortinas são verdes e amarelas. Onde não há cortinas usam esteiras. Lá nos compartimentos estão 7 pessoas: 3 do comité das 'eleições', 3 'bapak saksi' (testemunhas) e um escriturário. Este regista o número do 'surat panggilan' numa lista e devolve este 'surat panggilan'. Depois segue-se a chamada dos números registados. A seguir entrega-se o 'surat panggilan' aos do comité e eles dão um cartão amarelo para ser introduzido, como foi ensinado e ensaiado, na caixa do centro, do partido do governo. As testemunhas estão assistindo à cena toda. Saindo do 1º quarto o 'votante' recebe outro cartão branco para ser introduzido na caixa do centro do 2º quarto.

Assim termina a comédia. Antes disto andaram a distribuir milhares de camisolas do GOLKAR por todo o Timor e cartazes para serem pregados e colados em toda a parte. Querem criar ar de festa e de liberdade enquanto militares e hansips abraçados às espingardas vigiam todo o movimento das pessoas aterrorizadas.

(Doc. 1)

Se o povo está contente, quer a integração, gosta de ser colónia indonésia, que fazem aqui tantos batalhões de tropas de elite (topi merah: boinas vermelhas, variadas espécies de forças militares, polícias, montagem colossal de gente paga a escutar e a seguir de perto de noite e de dia ainda o mais simples popular? Que significa os inumeráveis carros e viaturas, e até motocicletas de matrícula militar a girar continuamente nas ruas e nas estradas? Se o povo está contente e tem o seu problema resolvido com a anexação, que andam a fazer os tanks patrulhando de noite as ruas de Dili? Quem os não ouvir de noite pode ver as marcas das lagartas no pavimento das ruas. Se o povo está contente, porque tem de haver além do patrulhamento dos tanks, postos fixos de vigilância em que 5 a 6 timorenses são forçados a passar a noite, e a badalar ferro-velho de hora a hora. Isto por todo o Timor, ao menos daqui até Lospalos... Só em Dili deve haver mais de 30 destes postos. Também acontece que os tais boinas vermelhas se divertem a disparar sobre essa pobre gente, pois sabem muito bem que são só timorenses; na verdade, em posto nenhum se encontra um 'civil' indonésio a fazer a noite nesses postos de guarda; ainda há poucos dias perto de Baucau fizeram esses disparos matando e ferindo alguns timorenses. Se o povo está contente com os indonésios, que significa esse complicado sistema de salvo condutos, muito mais complicado do que qualquer passaporte: nem falta a altura, cor da pele, cor dos olhos, cor dos cabelos, duplicado para arquivo, etc. Assim para se dar um passo para fora de Dili, é um processo por que se tem de passar. E no percurso, a folha de papel não chega para receber aqueles grandes carimbos dos militares e assinaturas, nos continuos postos de controle militar onde se é forçado a parar. Basta a experiência da viagem Dili-Baucau (uns 100 Km) para sentir a opressão na estrada. Por tudo isto o Exército indonésio e as forças policiais sabem que não controlam a 'vontade' dos timorenses; por isso aí estão esses batalhões, essas forças armadas, esse aparelho policial de repressão e de represália, para manter todo o povo de Timor sob um regime do mais completo terror... (...)

(Doc. 3)